

questões ambientais

IDEÓLOGO DE BOLSONARO É DENUNCIADO POR CIENTISTAS

Doze pesquisadores publicaram artigo na revista *Biological Conservation* desmentindo teses de Evaristo de Miranda usadas para embasar políticas ambientais do governo

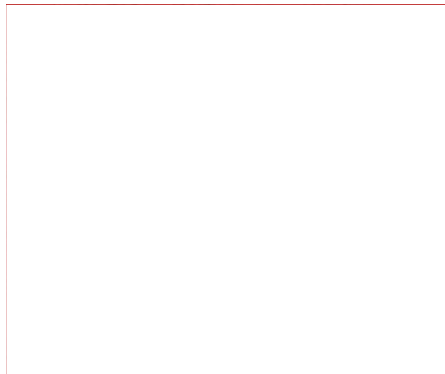
Bernardo Esteves | 25 jan 2022_09h00



Doze cientistas brasileiros denunciaram o grupo de pesquisa do engenheiro agrônomo Evaristo de Miranda, da Embrapa, por fabricar falsas controvérsias com o intuito de afrouxar as leis e normas para proteção do meio ambiente no Brasil. Num artigo publicado nesta terça-feira (25) na revista especializada *Biological Conservation*, os autores analisam o que eles descreveram como um “ataque às políticas ambientais estimulado por um esforço velado e sistemático de um pequeno grupo de negacionistas para desinformar os tomadores de decisão e a sociedade”.

Evaristo Eduardo de Miranda é o ideólogo da política ambiental de Jair Bolsonaro. Os dados gerados por ele e sua equipe na Embrapa Territorial são frequentemente citados pelo presidente e por seus ministros para defender que o Brasil é o campeão em conservação ambiental e que tem um excesso de áreas protegidas que prejudicam o crescimento do agronegócio nacional.

presidência da empresa. A Embrapa Territorial não quis se pronunciar sobre o caso; Miranda não respondeu aos pedidos de entrevista feitos pela **piauí**.



De acordo com o artigo da *Biological Conservation*, muitas das alegações de Miranda são fabricadas e não têm lastro na realidade. Ainda assim, elas são populares nas redes sociais e entre políticos, e com isso contribuem para o desmantelamento das políticas públicas de conservação ambiental. O grupo encabeçado por Raoni Rajão, professor de gestão ambiental na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), alega que as falsas controvérsias promovidas por Miranda levaram à diminuição drástica do número de multas ambientais e ao desmonte das políticas de controle do desmatamento e das queimadas na Amazônia pelo governo Bolsonaro.

Mas a influência de Miranda no afrouxamento de normas ambientais vem de muito antes, conforme mostra o artigo. Nos anos 1990, estudos feitos por sua equipe contribuíram para retardar por duas décadas a proibição da queima da palha da cana-de-açúcar em São Paulo. Nas discussões sobre o novo Código Florestal, ele usou números artificialmente inflados para calcular a área de proteção em torno dos rios que não poderia ser usada para o agronegócio, conforme mostraram os pesquisadores. Seus números eram má ciência, mas tiveram peso no debate que levou à aprovação do código, em 2012, com a anistia de 58% de todo o desmatamento feito ilegalmente até 2008.

O estudo brasileiro repertoriou as estratégias usadas por Miranda e mapeou sua influência em Brasília. Os autores notaram similaridades entre o *modus operandi* do grupo da Embrapa e aquele usado por cientistas que estimulam o negacionismo climático e outras falsas controvérsias ambientais. Eles desconsideram, por exemplo, os consensos estabelecidos pelos especialistas e fazem uso indevido de suas credenciais científicas, valendo-se do prestígio da Embrapa para conferir autoridade a argumentos sem respaldo da ciência.

Rajão ressaltou que a denúncia do grupo de Miranda não equivale a uma crítica institucional à Embrapa. Lembrou o caso de um professor da Universidade de São Paulo (USP) que ganhou notoriedade como negacionista da crise climática depois de uma entrevista a um programa de tevê, mesmo sem ter qualquer produção científica relevante sobre o tema. “Não é porque alguém vem da USP que tudo que ele escreve é automaticamente verdade”, disse o pesquisador à **piauí**.

O grupo de Rajão passou um pente-fino no [currículo de Evaristo de Miranda](#) e constatou que, dos 83 artigos de sua autoria que ele listava em fevereiro de 2021, apenas 17 – ou 20% do total – tinham sido publicados em periódicos com revisão por pares, processo que funciona como o controle de qualidade do conhecimento científico. Além disso, os autores constataram que nenhuma das alegações que embasam as falsas controvérsias alimentadas por Miranda foi submetida à avaliação de outros especialistas.

Por isso mesmo, os cientistas brasileiros se empenharam em publicar seu artigo numa revista com revisão por pares. Rajão disse que o trabalho poderia ter sido divulgado muito antes na forma de relatório ou nota técnica. “Mas aí estaríamos sendo contraditórios com a nossa própria afirmação sobre a importância do processo científico”, afirmou o pesquisador.

O texto sai após um processo de revisão que durou mais de onze meses entre a primeira versão e aquela publicada após a avaliação do editor e dos revisores. O grupo de autores inclui nomes destacados das ciências ambientais no Brasil, como o climatologista Carlos Nobre, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), e a ecóloga Mercedes Bustamante, da Universidade de Brasília (UnB).



artigo chama a atenção pelo tom contundente, atípico numa publicação científica. E por se enquadrar num gênero incomum

De acordo com Rajão, os cientistas e as revistas especializadas preferiam manter certa “distância higiênica” das notícias falsas e controvérsias fabricadas. “Só que os aventureiros estão tendo um peso maior nas decisões públicas do que as equipes enormes de cientistas que trabalham em universidades estabelecidas”, lamentou. Fazer a denúncia seguindo todos os ritos da publicação científica é uma nova forma de atacar o problema.

Rajão disse que, normalmente, os cientistas que atuam na fronteira não entendem que é responsabilidade sua cuidar da retaguarda do conhecimento científico. “Só que essa retaguarda está sendo corroída”, argumentou. “Nós temos que nos responsabilizar por ela e buscar entender o que está acontecendo com a ciência.”

O artigo brasileiro traz ainda algumas recomendações sobre como os cientistas e a sociedade deveriam lidar com as controvérsias fabricadas. Para os autores, o caminho para imunizar o público contra as notícias falsas passa por um melhor entendimento de como o conhecimento científico é construído e validado. Para tanto, os cientistas deveriam se empenhar em mostrar como seus dados são produzidos a partir de observações sistematizadas e acumuladas, tendo como base uma infraestrutura de conhecimento que envolve uma grande coletividade de atores.

“Temos que deixar claro para as pessoas que a ciência é uma prática que não é só feita por indivíduos, mas por coletivos, que tem controvérsias e incertezas reais, que tem erros e acertos, mais acertos do que erros”, disse Rajão. “Dessa forma talvez a sociedade e os tomadores de decisão possam criar filtros e antídotos contra esse tipo de incursão em políticas públicas com falsas controvérsias.”



Bernardo Esteves

Repórter da **piauí**, é autor do livro *Domingo É Dia de Ciência* (Azougue Editorial)

LEIA MAIS

questões ambientais

CRIMES EM SÉRIE NA AMAZÔNIA

Estudo mostra como desmonte de sistema de fiscalização contribuiu para acirramento de conflitos, incentivou atividades ilegais e causou danos irreversíveis à floresta

16 dez 2021_11h37

questões ambientais

ECONOMIA VERDE PARA INGLÊS VER

Depois de aumentar em 47% o desmatamento, governo Bolsonaro anuncia às vésperas da conferência do clima – a COP26, na Escócia – que pretende estimular a sustentabilidade, mas não diz como

27 out 2021_11h30